

Arnaldo Antunes: Entre o visual e a mancha gráfica na obra Psia.

Bárbara Louíse Bezerra de Carvalho*¹, Bárbara Rodrigues Boscato de Almeida¹, Elisa Camargo Gomes¹, Rayssa Rossatt de Souza Xavier¹, Sérgio Nunes de Jesus².

1. Estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO/Campus Cacoal; *barbaralbcarvalho@hotmail.com

2. Professor e pesquisador no Campus Cacoal - IFRO;

Palavras Chave: Arnaldo Antunes, Mancha Gráfica, Poesia.

Introdução

No século XX, a poesia brasileira passou por diversas transformações, uma vez que, com a Revolução Industrial e o regime ditador, houve a necessidade de gerar movimentos revolucionistas socioculturais. Estes, sendo à margem da sociedade e representados por poetas como, por exemplo, Arnaldo Antunes, Paulo Leminski e Chacal, resultaram numa vertente hoje chamada como poesia marginal; cuja apresenta elementos lúdicos e, inclusive, manchas gráficas, além de várias outras tendências inovadoras influenciadas pelo movimento tropicalista.

Resultados e Discussão

Em 1986, o segundo livro de Antunes, *Psia*, foi publicado. “*Psia é feminino de psiu; que serve para chamar a atenção de alguém, ou para pedir silêncio.*” (ANTUNES, Arnaldo). Assim sendo, é importante ressaltar que a obra foi, principalmente, um objeto de crítica, o qual chamou a atenção do público para a sua fluência poliglota na nova linguagem contemporânea e vanguardista. Utilizando conjecturas para entrelaçar a visualidade perspicaz nas palavras, expôs a mancha gráfica como um dos elementos principais de sua criação, representando a Literatura Contemporânea em sua busca por polêmica e revolução sociocultural, que se iniciou na década de 1970. Para tanto, o trabalho foi desenvolvido nos encontros do grupo de pesquisa *Língua(gem), cultura e sociedade: saberes e práticas discursivas na Amazônia*, sob a orientação do professor Sérgio Nunes de Jesus, com os alunos do 2º ano, do curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio, do Campus Cacoal, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia/IFRO, com o projeto PDA 2016.

Figura 1. *Psia*, Arnaldo Antunes.



Fonte:

<http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_livros_view.php?id=1&texto=47> Acesso em 04 de março de 2016.

Figura 2. *Luz*, de Antunes (*Psia*).



Fonte:

<http://www.arnaldoantunes.com.br/upload/bibliografia_1/50_imagem_g.jpeg> Acesso em 04 de março de 2016.

Conclusões

Constatou-se que, Antunes, utilizando a nova concepção de poesia, usufruiu de tendências gráfico-visuais, espelhando as mudanças artísticas que ocorreram no século XX e sua ruptura com a tradição. Tal que, através de sua obra ‘*Psia*’, apresentou a “*essência marginal*” de modo a valorizar a estranheza, a combinação de imagem-palavra e a sucessão de leituras quebradas; tendo como seu precursor o tropicalismo, de grande importância para a Literatura Contemporânea.

Agradecimentos

Agradecemos a nossa família, amigos, colegas e, principalmente, ao nosso professor orientador.

ANTUNES, Arnaldo. *PSIA*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

COTRIN, Gilberto. *História global*: Brasil e geral. 8. ed. Volume único. São Paulo: Saraiva, 2005.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de leitura*: poesia concreta e visual. São Paulo: Ática, 1998.